

Rio de Janeiro: berço da malandragem, berço do samba

Resenha do romance *Desde que o samba é samba*, de Paulo Lins

Por Tatiane Pereira de Santana Ivo¹

*A história desse negro
É um pouco diferente
[...]
Soube conservar os seus valores
Dando em todos os setores
Da nossa cultura
Sua contribuição
Guarda contigo
O que não é mais segredo
Que esse negro tem histórias
Meu irmão
Pra fazer um novo enredo*

“Uma história diferente”, de Paulinho da Viola

Encerrando um hiato de 15 anos após o seu primeiro romance, *Cidade de Deus*, de 1997, Paulo Lins volta ao cenário literário com *Desde que o samba é samba*, publicado pela Editora Planeta, em 2012. Formado em Letras pela UFRJ, o escritor lecionou cultura brasileira na Universidade Stanford, na Califórnia, e atua também como roteirista de televisão e cinema. Lins redigiu episódios para a série *Cidade dos homens*, da Rede Globo, e, em 2004, elaborou o roteiro do longo-metragem *Quase dois irmãos*, vencedor do prêmio de melhor roteiro da Associação Paulista de críticos de Arte (APCA).

Se *Cidade de Deus*, livro que ganhou adaptação cenográfica dirigida por Fernando Meirelles em 2002, retrata a violência nas favelas cariocas, o segundo romance de Paulo Lins aborda, como sugere o título, as raízes do samba e as manifestações culturais de negros e negras no final da década de 1920 na cidade do Rio de Janeiro. “É que o samba nasceu lá na Bahia”², cantavam Vinícius de Moraes e Toquinho. *Desde que o samba é samba* contradiz os artistas da Bossa Nova e vem nos contar que um dos gêneros musicais brasileiros mais populares nasceu no subúrbio da Cidade Maravilhosa, mais especificamente no bairro do Estácio, onde a história é ambientada e onde nasceu o escritor.

¹ Graduada em Letras pela Universidade de São Paulo. Integrante do Núcleo de Apoio à Pesquisa Brasil-África.

² *Samba da benção*, de Vinícius de Moraes e Baden Powell.

Desde que o samba é samba mescla realidade e ficção. Por um lado, personagens que realmente existiram e fazem parte da história de nosso país, como os sambistas Brancura (Silvio Fernandes), Baiaco, Ismael Silva (no livro, chamado apenas de Silva); por outro, personagens fictícios, como Valdirene e Sodré. Por um lado, acontecimentos que, de fato, ocorreram na vida daqueles artistas, por outro, a imaginação de Paulo Lins se faz presente. Em entrevista à Revista *Veja*, Lins afirma que, em relação ao que é real e ao que é inventado nessa obra, “Verdade mesmo é a invenção do samba”³. Ocorre que há muitas informações de fundo histórico ao longo da narrativa. Nesses momentos, o livro ganha um tom acadêmico e até mesmo didático, talvez por causa da vasta pesquisa feita pelo autor para compor o romance. Nesse sentido, há de se concordar com o jornalista Fábio Silvestre Cardoso, quando este, ao resenhar a obra, afirma que “a precisão histórica acaba por limitar a criação literária de Paulo Lins”⁴.

Ainda que o protagonista de *Desde que o samba é samba* não seja uma personagem, mas um tema, a (re)invenção do samba, a trama do livro está centrada no triângulo amoroso entre Brancura, negro, sambista, capoeirista e cafetão; Sodré, português, funcionário do Banco do Brasil e também cafetão; e Valdirene, a prostituta mais famosa e desejada do baixo meretrício do Estácio. Em meio às histórias de amor e ódio, e às idas e vindas desse trio, somos apresentados a outras personagens (Valdemar e sua mãe, Tia Amélia; Tia Almeida; Ivete; Seu Lotório etc) e a outros nascimentos culturais da época, como o da primeira escola de samba do País, a Deixa Falar, e o da umbanda, religião de matriz africana que na época era perseguida pela polícia, assim como também o eram capoeiristas e sambistas.

Se, por um lado, por conta de seu caráter também informativo, a obra torna-se uma fonte de pesquisa, por outro, a literariedade, a liberdade de criação do autor se expressa por meio da forma como a história é conduzida e por meio da linguagem. No que diz respeito à forma, diferentemente de um estudo teórico, por exemplo, não há preocupação com a linearidade cronológica na trama de *Desde que o samba é samba*. Num pêndulo temporal, entre presente e passado, vamos tomando conhecimento da origem de cada personagem, da criação ou reinvenção dos novos instrumentos (o tamborim e o surdo) que fariam parte do novo gênero musical e de como ganhou forma a Deixa Falar. No que concerne à linguagem,

³ MAIA, M. C. A voz do samba. **Revista Veja**. São Paulo, 31 mar. 2012. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/celebridades/a-voz-do-samba>>. Acesso em: 21 jan. 2013.

⁴ CARDOSO, S. F. *A decadência bonita do samba*. Disponível em: <<http://rascunho.gazetadopovo.com.br/a-decadencia-bonita-do-samba/>>. Acesso em: 31 jan. 2013.

esta é simples e coloquial, tal qual a de malandros, prostitutas, mães de santo e tantos negros pobres que habitavam o Estácio. O discurso do narrador em 3ª pessoa onisciente não se aparta do das personagens, o que se evidencia com a recorrência do discurso indireto livre ao longo da narrativa. Não se trata, portanto, de um narrador imparcial. A propósito, há momentos em que sentimos a voz do autor refletida na do narrador.

Ainda no que diz respeito à linguagem, salta aos olhos a naturalidade com que o narrador despe negros e negras. Sua linguagem despudorada para se referir ao corpo e aos desejos sexuais das personagens pode causar incômodo e deixar os mais tímidos ruborizados. Em contrapartida, o lirismo vem à tona quando se fala da manifestação religiosa daquele povo e da função do samba, este que é, para aqueles homens aviltados pela cor da pele e pela condição social, “o grande poder transformador”, como canta Caetano Veloso em sua música homônima ao título do romance.

Em *Desde que o samba é samba*, Paulo Lins leva à boemia e aos terreiros de candomblé os modernistas brasileiros. O autor cria diálogos entre Ismael Silva e Mário de Andrade, que realmente se conheciam, e entre a entidade Maria Padilha e Manuel Bandeira (referido na obra apenas como Manuel), por exemplo, borrando efetivamente os limites entre fato e ficção.

Outro ponto a destacar é o fato de o autor, nesse contexto, trazer à baila um assunto tabu nos meios literário e musical: a suposta homossexualidade do músico Ismael Silva e também do poeta Mário de Andrade. Numa época em que vivenciamos atitudes extremamente violentas contra indivíduos por conta de sua orientação sexual, mencionar a homossexualidade de figuras artísticas, mais do que “mexer em vespeiro”⁵, como disse o jornalista Manuel da Costa Pinto numa conversa com o autor no programa Metrópolis, da TV Cultura, trata-se de problematizar mais um dos inúmeros preconceitos sociais. Aliás, Paulo Lins, no mesmo programa, afirmou ter colocado o assunto no livro depois do episódio do jovem homossexual que foi agredido na Avenida Paulista, em 2010, com uma lâmpada fluorescente.

Em meio a muito samba, amor, sexo, muitas intrigas, abordagens polêmicas, verdades e invenções, o que se sobressai em *Desde que o samba é samba* é a reconstrução da história que se faz de um povo, dando-lhe voz e protagonismo. Na perspectiva do romance, o morador

⁵ Tal afirmação foi feita num bate-papo, no programa *Metrópolis* da TV Cultura, entre a apresentadora Adriana Couto, o jornalista Manuel da Costa Pinto e o escritor Paulo Lins. Disponível em: <<http://tvcultura.cmais.com.br/metropolis/paulo-lins-parte-1-metropolis-01-06-2012-cmais>>. Acesso em: 10 jan. 2013.

do Estácio no início do século 20 não é apenas o malandro boêmio, mulherengo, e as mulheres da zona do baixo meretrício. São também pessoas que produziam cultura, fazendo daquilo que era motivo de opressão e perseguição (o samba, a capoeira, a umbanda) o que mais tarde seria reconhecido como parte da identidade de nosso país. E é nesse sentido que esta resenha dialoga com a epígrafe que a introduz: as personagens desse romance cantam outra história para além do estigma da escravidão e da marginalidade, a história daqueles que fizeram das circunstâncias aniquiladoras que os cercavam um novo enredo.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, S. F. *A decadência bonita do samba*. **Gazeta do Povo**. Disponível em: <<http://rascunho.gazetadopovo.com.br/a-decadencia-bonita-do-samba/>>. Acesso em: 31 jan. 2013.

LINS, Paulo. *Desde que o samba é samba*. São Paulo: Planeta, 2012.

MAIA, M. C. A voz do samba. **Revista Veja**. São Paulo, 31 mar. 2012. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/celebridades/a-voz-do-samba>>. Acesso em: 21 jan. 2013.

METRÓPOLIS, São Paulo: TV Cultura. 1 de junho de 2012. Programa de TV. Disponível em: <<http://tvcultura.cmais.com.br/metropolis/paulo-lins-parte-1-metropolis-01-06-2012-cmais>>. Acesso em: 10 jan. 2013.

VIOLA, Paulinho da. Uma história diferente. Intérprete: Paulinho da Viola. In: **Paulinho da Viola**. Rio de Janeiro: Emi-Odeon Brasil, p1978, disco LP, Faixa 6.